

Luís Rosa

O Dia de Aljubarrota

PRESENÇA

É conhecido o fascínio que a história exerce no processo criativo de Luís Rosa. O seu romance *O Dia de Aljubarrota* reafirma um percurso literário que aposta numa identidade singular: o autor agarra marcas referenciais do passado não para desenterrar mortos, mas sim com o desejo de organizar para os vivos um espaço de rigor no qual o pensamento civilizacional se intensifica e estabelece um intemporal movimento de ideias.

Luís Rosa persegue as contendas entre Portugal e Castela (no século XIV), esmiuça cenários, desassossegos e interesses de ambos os lados e diferentes facções. Leonor Teles, mulher de D. Fernando I, cega pelo trono, atravessa todo o romance; não falta o conde de Andeiro, paixões, ódios, fingimentos, perversidades, intrigas, vinganças, conjuras, assassínios para eliminar quem estorvasse a uns ou a outros.

A narrativa vive da figura de Antão Vasques (“o homem de quem diziam que tudo sabia da guerra” e comandara a “ala esquerda em Aljubarrota”). É ele, mais tarde, a contar a Fernão Lopes, “moço sabido na arte de tecer memórias”, como foram as lutas contra castelhanos. Avultam o mestre de Avis (aclamado rei D. João I de Portugal, 1385) e Nuno Álvares Pereira, estrategista que, apesar dos poucos meios, derrota Castela. Então escreve-se: “Foi em Aljubarrota que começou a moderna história do mundo” (...) “o grande destino de o homem ir ao encontro do homem todo”.

O fulgor romanesco de Luís Rosa vai além dos feitos. Há neste livro um perfil filosófico, em particular nos diálogos entre Antão Vasques e Fernão Lopes que, só por si, vale a pena.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*